

BRUM, Eliane. *Banzeiro òkòtò*: uma viagem à Amazônia centro do mundo. São Paulo: Companhia das Letras, 2021.

Walisson Oliveira Santos

Universidade Federal de Minas Gerais (UFMG) | Belo Horizonte | MG | BR

prof.walissonoliveira@gmail.com

<http://lattes.cnpq.br/9069843949718102>

A Amazônia representa uma das principais fronteiras de disputa no cenário global atual. Símbolo e mártir da crise climática, a maior floresta tropical do planeta Terra tornou-se palco de um embate entre forças antagônicas. De um lado, estão os agentes da destruição, compostos por elites vinculadas ao extrativismo econômico, político e intelectual, como líderes religiosos, corporações transnacionais e magnatas bilionários. Do outro, resistem os povos indígenas e as comunidades tradicionais da floresta – como os quilombolas e os ribeirinhos –, apoiados por defensores da preservação ambiental e cultural.

Essa é a perspectiva de denúncia que permeia o livro *Banzeiro òkòtò*: uma viagem à Amazônia Centro do Mundo (Companhia das Letras, 2021), da repórter Eliane Brum. Em sua obra, a autora desmistifica a visualidade da Amazônia como uma “terra sem lei” e propõe a reflexão sobre a verdadeira questão: “qual lei” e “quem manda na lei” (Brum, 2021, p. 319). Por meio de uma narrativa imersiva no verde, Brum investiga as complexas *florestas* da floresta amazônica e revela a destruição acelerada que ameaça levar o planeta ao “ponto de não retorno”, ou melhor, o estágio nevrálgico em que a “floresta deixa de ser floresta e já não pode fazer o seu papel de reguladora do clima” (Brum, 2021, p. 30).

A obra, no entanto, excede os limites de uma denúncia convencional. Com mais de 35 anos de experiência jornalística e duas décadas de imersão na Amazônia, Brum deu um passo decisivo em 2017 ao trocar São Paulo por Altamira, escolha que transformou sua perspectiva. *Banzeiro òkòtò* une apuração investigativa e relatos pessoais, construindo uma narrativa que não só ilumina um dos temas mais urgentes do século XXI, como também provoca e inspira reflexões. Mais do que uma análise, o livro é um apelo e uma convocação para uma revolução no modo como percebemos e concebemos o mundo.

Um dos aspectos que prontamente desperta a curiosidade do leitor é o título escolhido pela autora, que reflete sua imersão nas culturas dos povos amazônicos. Eliane Brum explica, por exemplo, o significado – ou a tentativa – de “banzeiro”:

Banzeiro é como o povo do Xingu chama o território de brabeza do rio. É onde com sorte se pode passar, com azar não. É um lugar de perigo entre o de onde se veio e o aonde se quer chegar. Quem rema espera o banzeiro recolher suas garras ou amai-



nar. E silencia porque o barco pode ser virado ou puxado para baixo de repente. Silencia para não acordar a raiva do rio. Não há sinônimos para banzeiro. Nem tradução. Banzeiro é aquele que é. E só é onde é (Brum, 2021, p. 9).

O conceito de “banzeiro” se aprofunda ao se conectar com “òkòtò”, um termo iorubá revelado à autora por Pai Rodney de Oxóssi – babalorixá, antropólogo e escritor – durante um jogo de búzios, “assoprada por Exu”. Como ela mesma recorda, òkòtò, que “veio e tomou conta de minha percepção sobre o movimento e também da capa deste livro” (Brum, 2021, p. 338), refere-se a um movimento em espiral:

Òkòtò é um caracol, uma concha cônica que contém uma história ossificada que se move em espiral a partir de uma base de pião. A cada revolução, amplia-se “mais e mais, até converter-se numa circunferência aberta para o infinito”. Amazônia Centro do Mundo é banzeiro em transfiguração para òkòtò (Brum, 2021, p. 338).

A junção de “banzeiro” e “òkòtò” reflete a complexidade e a carga simbologia que atravessam a obra de Brum. As definições desses termos estão estrategicamente distribuídas em dois capítulos – “11. onde começa um círculo?” e “2042. amazônia centro do mundo” – que, assim como as palavras escolhidas para o título, estabelecem um diálogo entre si.

Essa estrutura revela a construção de um conhecimento circular – semelhante à espiral da concha do caracol, símbolo de evolução e de movimento ascendente e progressivo a partir de um ponto “original; mantém e prolonga esse movimento ao infinito” (Chevalier; Cheerbrant, 2012, p. 397-398). Além disso, reflete a própria progressão da existência, em que os conceitos se entrelaçam e se expandem conforme a narrativa prossegue, gerando um movimento contínuo que reflete a dinâmica dos seres que habitam a floresta amazônica. Assim, a relação entre “banzeiro” e “òkòtò” simboliza a transformação constante do território e sugere uma visão de mundo interconectada e cíclica, na qual a *experiência* e o *saber* são retomados e ampliados ao longo do caminho da vida, da história e da cultura.

A jornalista-narradora inicia o livro relatando como foi tomada pelo banzeiro. Essa experiência lhe conferiu uma nova cadência, olhar e sentidos, que moldaram seu corpo e a configuração como percebia o mundo ao seu redor. Esse processo de transformação não é apenas físico, mas também existencial, implicando uma reorganização da percepção e da relação com o mundo. Reiteradamente, Brum enfatiza que a floresta não permite esquecer que “somos corpo” (Brum, 2021, p. 48), obrigando corpo e mente – tradicionalmente separados pela filosofia ocidental – a se integrarem. Essa relação leva ao que ela descreve como “*Amazonizar-se*, como verbo, [que] vai muito além da floresta” (Brum, 2021, p. 50).

Amazonizar-se exige

um movimento para voltar a ser, para se despartir, no sentido daquele que se partiu ao se colocar fora da natureza, ao deixar de ser parte do todo orgânico de um planeta vivo. Os mais sensíveis sentem esse arrancamento nas entranhas. Não é por acaso que muitos se sentem “diferentes” quando “perto” da natureza (Brum, 2021, p. 50).

Ao *Amazonizar-se*, o sujeito busca restaurar uma conexão com a natureza, integrando corpo e mente em uma experiência holística e sensível. Esse movimento vai além de uma

mera apropriação simbólica da floresta; envolve uma transformação radical no modo de perceber e habitar o mundo, reconhecendo-o como um organismo vivo e interconectado. O conceito de *Amazonização* refere-se, assim, a uma tentativa de reverter a alienação que resulta da separação do humano do meio ambiente, retornando à apreensão de que somos parte de um todo maior, no qual corpo, mente e natureza coexistem em harmonia.

O início dessa jornada é marcado pela transfiguração de sua vida, em que Altamira se impõe como a única peça do mundo capaz de evocar o real. No entanto, a cidade paraense jamais se torna um lar; revela-se, ao contrário, como um espelho que reflete a ruína do planeta. O rio Xingu e a imensidão da Amazônia ensinam que, enquanto o mundo agoniza, não há lugar de refúgio. A realidade de Altamira evidencia que a lucidez não é uma escolha, mas uma condição imposta pelas ações humanas – uma constante que não pode ser ignorada.

Em um cenário no qual os rastros do garimpo ilegal, do desmatamento e da violência são constantemente visíveis, a indiferença, tão comum em metrópoles distantes como o eixo Rio-São Paulo, torna-se impossível. Na região do Médio Xingu, Eliane compreende que é impossível viver alheio à dor e à destruição, visto que as marcas da violência estão por toda parte – não apenas na natureza, mas também nas relações humanas. O que antes era ignorado nos grandes centros urbanos torna-se uma realidade inescapável na Amazônia – o “Centro do Mundo”, como ressalta a autora.

A ordem cronológica, como Brum afirma, é uma obsessão da cultura branca. Talvez por isso, o livro se recuse a seguir a linearidade convencional: seus 35 capítulos não se dividem em partes nem são numerados de forma sequencial. Após o capítulo “4.0”, surge o “2018”, seguido por “68”, “1937”, “1987”, “5”, etc. A numeração caótica reflete a recusa à ordem rígida e à linearidade do tempo. É até possível que a obra seja lida fora de sequência, pois, em última instância, a narrativa permanece a mesma, independentemente da ordem. O que importa não é o percurso, mas a experiência que cada texto-fragmento oferece.

Esse é um dos iniciais indícios de que Brum já está em um processo de transformação interna, convidando o leitor a acompanhá-la nessa jornada. “Meu desafio é me desbranquear – ou fazer o movimento do desbranqueamento, que nunca serei capaz de completar” (Brum, 2021, p. 346), afirma, consciente de que sua tentativa pode ser falha.

Mas o que motiva essa entrega? *Amazonizar-se* surge, portanto, como um chamado à transformação da linguagem e, com ela, das formas de ver, pensar e agir. A integração do corpo em uma realidade expandida, que se liga à floresta, revela que a guerra pela Amazônia é, concomitantemente, uma luta contra o sistema patriarcal, o feminicídio, o racismo, o binarismo de gênero e o antropocentrismo. Ao se entrelaçar com as *florestas*, Brum propõe uma ruptura das normas pré-estabelecidas, reconhecendo a interdependência intrínseca entre a natureza e as relações de poder que estruturam a sociedade.

Brum retoma essa discussão ao afirmar que, por mais abstrusa que seja, “reconhecer e sentir na pele que sua existência inteira fere os outros” (Brum, 2021, p. 331), é categórico assumir-se “branco” para que, como estrangeiro, seja possível escutar a Amazônia. Esse reconhecimento é paradoxal: talvez já não seja possível habitar plenamente o próprio corpo, mas também é impensável assumir inteiramente o corpo do Outro, mesmo com todos os esforços para adubar um pensamento que se distorce das normas e todos os apelos para que o leitor também vivencie esse processo. Esse contorno, longe de enfraquecer o livro, o torna genuíno e interessante, uma vez que é justamente essa tensão entre o *eu* e o *outro* que dá profundidade à sua reflexão.

É neste contexto que Eliane Brum apresenta a ideia de “Amazônia Centro do Mundo”:

Amazônia Centro do Mundo é um conceito – e é um movimento. Quando eu e outros afirmamos a centralidade da Amazônia não estamos tentando fazer um jogo de palavras ou um apelo retórico, mas demandando um descolamento real – ou exigindo o reconhecimento daquilo que é, mas é tratado como se não fosse. Quem determina o que é centro e o que é periferia? E por quê? Com base em quê? A disputa política sobre as centralidades é estratégica (Brum, 2021, p. 337).

Ao posicionar a Amazônia no centro do pensamento global, Brum destaca seu grande valor ambiental e propõe uma inversão dos paradigmas eurocêntricos e ocidentais. O conceito de “Centro do Mundo” reflete, assim, uma tentativa de deslocamento epistemológico, solicitando um giro descolonial que desafia as estruturas de poder e pensamento dominantes.¹ Em vez de uma periferia afastada e subordinada, a Amazônia, segundo Brum, deve ser reconhecida como o epicentro de uma nova perspectiva integral, capaz de reconfigurar nossas relações sociais, culturais e ecológicas.

A segunda premissa de Brum defende que a mudança da centralidade envolve uma transformação nos pilares de pensamento, abordando temas como raça, gênero e a relação entre as espécies. Nessa seara, a autora propõe uma aliança entre o que denomina “humanes-natureza” e “mais-que-humanes” (Brum, 2021, p. 343). O primeiro conceito se refere à natureza, volta e meia considerada inferior, mas que, assim como os seres humanos, também é sujeita a discriminação; o segundo, aos povos-floresta, que remodelam a linguagem para modificar a maneira de pensar. A terceira premissa sustenta que essa revolução somente será possível se houver uma mudança coletiva, um movimento de *Amazonizar*.

Desde programas governamentais destinados a combater a pobreza nas cidades, que acabam criando novos pobres onde antes existiam povos-floresta, até a ideia de que o maior desejo de todos os que não desfrutam é se integrar ao consumo, falta uma verdadeira compreensão sobre o que realmente significa o “Centro do Mundo”. O desafio, como Brum aponta, vai muito além de ações como reciclar o lixo, usar carros elétricos ou adotar uma dieta vegana; é preciso, antes de tudo, transformar o que significa ser humano.

Banzeiro òkòtò envolve compreender as complexidades e as particularidades de um espaço que não cabe ao humano, uma vez que “quando a floresta passa a pertencer às pessoas humanas, no sentido da propriedade, ela já não é mais floresta” (Brum, 2021, p. 96); na realidade, é o humano que diz respeito à Amazônia.

Agradecimentos

À Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior (CAPES), pelo apoio financeiro e pela concessão da bolsa de estudos que tornou possível a realização deste trabalho.

¹ Nesse sentido, é relevante também a leitura do artigo “Banzeiro Òkòtò: giro descolonial e pensamento de borda no jornalismo de Eliane Brum”, de Felipe Boff (2022), que figura nas referências deste trabalho.

Referências

BOFF, Felipe. Banzeiro Òkòtó: giro descolonial e pensamento de borda no jornalismo de Eliane Brum. *Dispositiva*, Belo Horizonte, v. 11, n. 20, p. 5-18, ago./dez. 2022. Disponível em: <https://periodicos.pucminas.br/dispositiva/article/view/29461>. Acesso em: 20 ago. 2025.

BRUM, Eliane. *Banzeiro òkòtó: uma viagem à Amazônia centro do mundo*. São Paulo: Companhia das Letras, 2021.

CHEVALIER, Jean; GHEERBRANT, Alain. Espiral. In: *Dicionário de símbolos: mitos, sonhos, costumes, gestos, formas, figuras, cores, números*. Trad. Vera da Costa e Silva *et al.* 26 ed. Rio de Janeiro: José Olympio, 2012, p. 397-400.